



**A LUTA DO POVO KARUAZÚ POR UMA EDUCAÇÃO ESCOLAR
INTERCULTURAL E INCLUSIVA**

**THE KARUAZÚ PEOPLE'S STRUGGLE FOR INTERCULTURAL AND INCLUSIVE
SCHOOL EDUCATION**

Rafaela Lima da Silva¹
Allan Gomes dos Santos²

RESUMO

A história dos Karuazú é um testemunho da resiliência dos povos indígenas do Brasil, destacando sua luta contínua por direitos, reconhecimento e uma educação inclusiva. Essa investigação resultou na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Pedagogia integrante do Programa de Cursos de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas - CLIND/AL desenvolvido pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. O povoado Campinhos localizado na aldeia Karuazú, município de Pariconha/AL, mantém suas tradições ancestrais há anos, embora apenas em 1999 tenha recebido reconhecimento oficial. Sua cultura é preservada por meio de rituais religiosos, entre eles estão o flechamento do umbu, a puxada do cipó e a corrida do umbu, que reafirmam sua identidade e conexão com a natureza. Contudo, essa comunidade enfrenta desafios, especialmente na educação escolar. Portanto, esta pesquisa traz como objetivo analisar os principais desafios enfrentados pelo povo Karuazú em relação à educação escolar devido a inexistência de escola na comunidade dificultando a compreensão da história e identidade no contexto da educação intercultural indígena. O aporte teórico tomou como ponto de partida Amorim (2012), Lima (2019) e Silva (2016) e teve uma abordagem qualitativa do tipo descritiva participante para alcançar os objetivos propostos, onde utilizou a pesquisa de campo tendo como instrumento um questionário semiestruturado. Os resultados trazem um comprometimento em lutar por uma educação escolar indígena intercultural que valorize a sua identidade e conhecimentos tradicionais, e, portanto, a construção de um prédio escolar na aldeia representa um passo importante nessa jornada.

Palavras-chave: Aldeia Karuazú; Identidade cultural; Educação escolar indígena; CLIND/UNEAL.

ABSTRACT

The history of the Karuazú is a testament to the resilience of Brazil's indigenous peoples, highlighting their ongoing struggle for rights, recognition, and inclusive education. This

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Pedagogia. Polo Sertão - Pariconha/AL (CLIND/UNEAL). Email: rafaela.silva@alunos.uneal.edu.br.

² Pos-Doutorado em Liderazgo para la Gestión e Innovación Educativa en una Sociedad Inclusiva pela UAA (2024). Doutor em Ciências da Educação. Mestre em Modelagem Computacional de Conhecimento, na área temática de Educação Matemática, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL/2008). Especialista nos Cursos de Especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica (IFES/MEC/2021), Instrumentação para o Ensino de Matemática (UFF/2008), Supervisão Escolar (UFRJ/2002) e Formação em Mídias na Educação (UFAL/2013). Professor e Tutor nos Cursos de Administração Pública, Letras e Biologia a Distância e Pós-Graduação em Gestão Pública e Rede em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifal) pela UAB/UFAL/CAPES. Atuação como professor e Tutor modalidade EAD pela DEREAD/UFAL e CED/UAB/CAPES/UNCISAL. Professor do Programa CLIND/UNEAL (Curso de Licenciatura Indígena), PAFOR/CAPES e UAB/UNEAL. Email: allan.santos@uneal.edu.br.



research resulted in the preparation of the Final Coursework (TCC) in the Indigenous Intercultural Degree Course in Pedagogy, part of the Indigenous Intercultural Degree Program of Alagoas - CLIND/AL, developed by the State University of Alagoas - UNEAL. The Campinhos settlement, located in the Karuazú village, in the municipality of Pariconha/AL, has maintained its ancestral traditions for years, although it was only in 1999 that it received official recognition. Their culture is preserved through religious rituals, including the arrow-striking of the umbu, the pulling of the vine, and the umbu race, which reaffirm their identity and connection with nature. However, this community faces challenges, especially in school education. Therefore, this research aims to analyze the main challenges faced by the Karuazú people in relation to school education due to the lack of a school in the community, making it difficult to understand history and identity in the context of indigenous intercultural education. The theoretical framework was based on Amorim (2012), Lima (2019) and Silva (2016) and had a qualitative approach of the descriptive participant type to achieve the proposed objectives, where field research was used with a semi-structured questionnaire as an instrument. The results show a commitment to fight for an intercultural indigenous school education that values their identity and traditional knowledge, and therefore, the construction of a school building in the village represents an important step in this journey.

Keywords: Karuazú Village; Cultural identity; Indigenous school education; CLIND/UNEAL.

1. INTRODUÇÃO

A aldeia indígena Karuazú, está situada no povoado Campinhos, município de Pariconha, no Sertão de Alagoas. Para uma compreensão adequada das dinâmicas sociais e culturais da localidade, é fundamental considerar a configuração geográfica e demográfica de Campinhos como um povoado onde convivem diferentes grupos. A aldeia Karuazú está localizada dentro do povoado, que também abriga famílias não indígenas e quilombolas. Portanto, embora a aldeia faça parte do povoado, o restante de Campinhos é habitado por outros grupos étnicos e culturais.

A convivência entre os indígenas e os demais habitantes de Campinhos é um reflexo da complexidade social da região. Enquanto a aldeia se dedica à manutenção de suas práticas ancestrais e à preservação de sua identidade cultural, o restante do povoado é habitado por diferentes grupos que também têm suas próprias tradições e modos de vida. Essa configuração destaca a interação e o compartilhamento de espaço entre comunidades diversas dentro de um mesmo território. A coexistência de diferentes grupos étnicos e culturais reflete a riqueza cultural da região e as dinâmicas de convivência entre grupos que, embora distintos, compartilham o mesmo ambiente.

Os Karuazú têm preservado suas tradições ancestrais por meio de rituais e práticas religiosas profundamente enraizadas em sua cultura. No entanto, apenas há 25 anos, em 19 de abril de 1999, essa comunidade recebeu o reconhecimento oficial de sua identidade e história,

um marco significativo em sua jornada de resistência e afirmação, marcando uma importante virada na história dessa comunidade.

Este reconhecimento não apenas reafirmou a identidade cultural dos seus habitantes, mas também deu origem ao ritual da “Festa do Ressurgimento”, que conforme Amorim (2012) traz nesta celebração uma aparição pública coletiva com o sair do anonimato que só acontece quando a comunidade ressurgida e já organizada demonstra seus traços culturais próprios, se tornando visíveis a população em geral. Enquanto celebram essa conquista, os Karuazú enfrentam desafios contínuos, onde a luta por uma abordagem intercultural e inclusiva permanece uma prioridade fundamental.

Portanto, esta aclamação não apenas validou a história e a identidade dos Karuazú perante o Estado e a sociedade em geral, mas também abriu portas para a proteção de seus direitos territoriais, culturais e educacionais. Além disso, durante anos os Karuazú mantiveram viva a chama de seus rituais tradicionais, transmitindo de geração em geração os ensinamentos e as cerimônias que definem sua identidade como povo. Desde o início de sua história, eles encontraram na espiritualidade e nas práticas religiosas uma fonte de força e coesão, fortalecendo os laços comunitários e mantendo vivas as tradições que os conectam com sua terra e seus antepassados.

Apesar dos avanços conquistados, a aldeia Karuazú enfrenta desafios significativos, especialmente no âmbito da educação. A falta de um prédio escolar adequado é um dos obstáculos enfrentados pelo povo indígena em seu acesso a uma educação de qualidade, diferenciada, contextualizada e comunitária. Enquanto a comunidade se esforça para preservar suas tradições culturais, muitas vezes enfrenta um sistema educacional que não reconhece nem valoriza sua diversidade e conhecimento tradicional.

É importante salientar que este estudo sobre os desafios enfrentados pelo povo Karuazú em relação à educação escolar e à construção da escola na aldeia é motivado por uma necessidade intrínseca de compreender e abordar as questões que afetam diretamente esta comunidade. Como membro do povo Karuazú a autora reconhece a importância vital de estudar e compreender a realidade educacional deste povo.

O foco deste estudo reside na identificação dos obstáculos que a comunidade enfrenta diariamente em termos de acesso à educação diferenciada. A ausência de uma escola dentro da aldeia não apenas dificulta o acesso à educação intercultural para as crianças e jovens, mas também coloca em risco a preservação da identidade cultural e tradições ancestrais.



Ao investigar a construção da escola, buscamos avaliar não apenas os aspectos práticos relacionados ao acesso à educação, mas também os impactos mais amplos dessa iniciativa na comunidade. Portanto, é fundamental explorar as percepções e expectativas dos membros da comunidade em relação à educação escolar e à construção da escola na aldeia. Somente ao envolver ativamente nossa comunidade no processo de pesquisa, podemos garantir uma abordagem verdadeiramente participativa e inclusiva, que reflita nossas próprias experiências e necessidades.

Assim sendo, o presente trabalho trata-se de um estudo descritivo participante de cunho qualitativo que apresenta importância para o âmbito da educação escolar indígena, em especial para o povo Karuazu. Além disso, constituirá uma fonte de consulta que permitirá ao longo do tempo o acesso a uma base estudo de referência para o atual momento de dificuldade e conquista educacional para a comunidade.

Neste contexto, este estudo justifica-se através de uma visão social que envolve o cruzamento entre a identificação e abordagem dos desafios específicos enfrentados pelo povo Karuazú em relação à educação escolar, mas também buscar promover uma narrativa autêntica e empoderadora que valorize suas vozes e perspectivas. Ao estudar a própria realidade educacional, reforça-se o compromisso com o fortalecimento da comunidade, a preservação da identidade cultural e a promoção de uma educação que seja verdadeiramente inclusiva e contextualizada às necessidades e valores existentes.

Vale ressaltar, que a construção da escola na aldeia representa, portanto, mais do que apenas uma infraestrutura física, é um símbolo material da resistência, luta e determinação em afirmar a identidade e garantir o acesso a uma educação que valorize e celebre a cultura desse povo. Através dessa ação, é possível moldar, ativamente, o próprio futuro, instruindo as futuras gerações Karuazú a enfrentar os desafios do mundo moderno enquanto mantêm firmes os laços com suas raízes ancestrais.

Portanto, esse estudo está contextualizado na necessidade de compreender e documentar a inexistência de escola na comunidade dificultando a compreensão para o contexto da educação intercultural indígena. Ainda, pretende-se responder algumas perguntas como: de que forma a comunidade Karuazú avalia o acesso à educação como um elemento importante na preservação da identidade cultural e fortalecimento da comunidade? Como são as percepções e expectativas dos membros da comunidade Karuazú em relação à educação escolar e à

construção da escola na aldeia, visando garantir uma abordagem participativa e inclusiva no processo de desenvolvimento educacional?

Pelo dito, a luta por uma educação intercultural e inclusiva é uma prioridade para os Karuazú, que reconhecem a importância de garantir que suas crianças e jovens tenham acesso a oportunidades educacionais que respeitem e valorizem sua identidade cultural. Assim, reafirma-se que a construção de um prédio escolar na aldeia representará não apenas um marco físico, mas também um símbolo material do compromisso da comunidade com o fortalecimento da educação e de sua identidade.

Ainda, a construção da escola na aldeia representa uma conquista significativa para a melhoria do acesso à educação. Enquanto não há uma escola na comunidade, os alunos indígenas, que atualmente frequentam a Rede Municipal e Estadual de ensino, enfrentam desafios específicos relacionados à preservação de sua identidade cultural num ambiente não necessariamente adaptado às suas especificidades, tornando uma situação desfavorável a valorização da cultura e conhecimentos tradicionais, embora, ao mesmo tempo os prepare para enfrentar os desafios e oportunidades do mundo contemporâneo.

2. MARCO TEÓRICO

Toda pesquisa necessita de um aporte teórico que embase os aspectos teóricos e práticos visando fomentar a estruturação conceitual que modelou a investigação. Essa sessão traz a discussão teórica que embasou esse estudo e seus propósitos específicos.

2.1 O Povo Karuazú

A migração dos povos indígenas Pankararu do estado de Pernambuco para Alagoas é um exemplo vívido da dinâmica histórica e cultural das comunidades indígenas no Brasil. Os Pankararu não apenas ocupavam, mas continuam a ocupar a região do Sertão de Pernambuco, onde mantêm suas tradições ancestrais e lutam pela preservação de suas terras e identidade.

No entanto, ao longo dos séculos, essa comunidade enfrentou desafios significativos e, em busca de meios de subsistência e condições melhores de vida, escapando da precariedade em que viviam muitos Pankararu, optaram por migrar para outras áreas em busca de melhores condições de provisão. Uma das regiões para onde migraram foi o estado de Alagoas. Ao chegar ali, eles estabeleceram novas comunidades e aldeias, mantendo firmemente suas tradições culturais e laços com suas terras ancestrais. Entre essas aldeias estão Karuazú, Geripankó,

Katokinn e Kalankó, cada uma delas como um reflexo vivo da rica herança cultural e da resiliência dos Pankararu.

Essas comunidades não apenas mantêm suas práticas culturais, mas também se tornaram defensoras ativas de seus direitos territoriais e culturais. A migração dos Pankararu para Alagoas é um testemunho da contínua luta dos povos indígenas no Brasil pela autonomia, reconhecimento e preservação de suas tradições em meio a um contexto de mudança e desafios históricos e contemporâneos.

A aldeia Karuazú, localizada no município de Pariconha é uma comunidade que se destaca pela sua rica história de resiliência e determinação. Com uma população de mais de mil indígenas, essa população preserva e celebra suas tradições ancestrais, honrando suas raízes como descendentes do tronco Pankararu, provenientes do aldeamento Brejo dos Padres, no Sertão de Pernambuco. De acordo com o agente de saúde da comunidade, atualmente, a aldeia Karuazú possui uma população de 937 indígenas, segundo o recadastramento realizado pelo DSEI-Alagoas em 2022. No entanto, ao incluir os desaldeados, que são aqueles que não residem permanentemente na aldeia, a população total da comunidade ultrapassa mais de 1000 indivíduos.

A sua história é profundamente entrelaçada com suas práticas religiosas, que desempenham um papel fundamental na vida da comunidade. Rituais sagrados, como o Flechamento do Umbu, a Puxada do Cipó e a Corrida do Umbu, não apenas alimentam a espiritualidade dos Karuazú, mas também servem como símbolos poderosos de sua identidade e conexão com a terra e seus antepassados. Essas práticas são transmitidas de geração em geração, enriquecendo a cultura e fortalecendo os laços comunitários. Além dos aspectos religiosos, a vida na aldeia Karuazú é caracterizada por uma riqueza de tradições orais, artesanato e práticas agrícolas tradicionais.

Apesar dos desafios enfrentados ao longo dos tempos, incluindo pressões externas e mudanças socioeconômicas, os Karuazú permanecem firmes em sua determinação de manter viva sua herança cultural. A cultura é um elemento que tem importância vital para a existência de um povo e deve ser considerada quando se discute o contexto da educação escolar. Sobre isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (1997) destacam que:

A cultura é um conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo: neles o indivíduo é formado desde o momento da sua concepção; nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os valores do grupo; por eles é mais tarde introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social as concebe” (Brasil,1997, p. 26).

Com isso, enfrentando os desafios do presente à comunidade busca inspirar as gerações futuras a valorizar e proteger sua identidade cultural. Os Karuazú constituem uma comunidade indígena que reside nos povoados de Campinhos (onde está situado o terreiro principal, no qual rituais e celebrações são realizados), Tanque e Capim que são uma extensão da aldeia, todos fazem parte do município de Pariconha, no Sertão de Alagoas.

A trajetória desta comunidade é marcada por desafios e superações. No entanto, são esses mesmos desafios que os une e fortalece, impulsionando-os a seguir em frente, apesar das adversidades. A formação da aldeia Karuazú marcou um momento crucial na história desse povo indígena. Para reviver e preservar seus rituais e práticas tradicionais, os indígenas Karuazú decidiram retornar às suas raízes, buscando autorização e orientação junto aos seus líderes espirituais na aldeia Pankararu, em Pernambuco.

Antes dessas organizações de etnogênese, houve um período de certo silenciamento, a qual a única maneira de não perder as raízes identitárias, bem como, suas tradições ancestrais, foi a viabilização desses povos em se unirem em caravana ou em família, ou até mesmo individualmente a estarem sempre em contato com o tronco Pankararu, para não perder suas raízes, tradições, hoje remanescentes, como é o caso dos Karuazú, que sempre mantiveram laços de familiaridade com o tronco Pankararu (Lima, 2019, p. 44).

Esse gesto não apenas simbolizou a continuidade cultural, mas também demonstrou profundo respeito e reverência às tradições ancestrais que moldaram sua identidade como povo. Ao buscar a bênção e a orientação dos líderes espirituais da aldeia Pankararu, os Karuazú reconheceram a importância de se conectar com suas origens e de honrar os ensinamentos transmitidos ao longo das gerações. Esse ato não apenas fortaleceu os laços entre as comunidades indígenas, mas também reafirmou a importância da solidariedade e do apoio mútuo na preservação da cultura e da identidade. Com a autorização e o conhecimento recebido os Karuazú puderam iniciar seus rituais e práticas tradicionais na aldeia Karuazú, marcando o início de uma nova fase em sua jornada de resgate e valorização de suas tradições.

Esse momento histórico não apenas reforçou a importância da ancestralidade e da espiritualidade na vida deste povo, mas também serviu como um exemplo inspirador de como a união e o respeito às tradições podem fortalecer e sustentar uma comunidade ao longo do tempo. O reconhecimento étnico desse povo só foi oficializado em 19 de abril de 1999, após anos de luta e reivindicações por parte da comunidade. Além disso, na luta pela afirmação étnica e pelo reconhecimento dos direitos, os mesmos contaram com o apoio fundamental das lideranças indígenas Geripancó, que também migraram de Pankararu e se estabeleceram no

povoado de Ouricuri, também em Pariconha. Juntos, esses grupos uniram forças para enfrentar os desafios e preservar suas identidades culturais únicas (conforme Fotografia 1).

Atualmente, a luta dos Karuazú se volta para a garantia de educação escolar de qualidade para suas futuras gerações. Nesse sentido, um marco significativo é a construção de uma escola dentro da própria aldeia. Assim, Lopes (2020) retrata que a implementação de escolas dentro das aldeias representa um avanço para a autonomia dos povos indígenas, permitindo que o ensino seja ministrado em consonância com seus valores e tradições, fortalecendo assim a identidade cultural e o processo de aprendizagem.

Esta situação da falta de escolas indígenas é uma questão significativa no Brasil. De acordo com dados do Censo Escolar de 2022, das 178,3 mil escolas de ensino básico no país, apenas 3.541 (1,9%) estão localizadas em terras indígenas, oferecendo conteúdos específicos e diferenciados conforme aspectos etnoculturais.

Munduruku (2012) corrobora dizendo que “A escola indígena deve ser construída dentro da própria aldeia, respeitando os saberes tradicionais e promovendo um ensino que dialogue com a cultura do povo, possibilitando uma educação diferenciada e bilíngue” (p. 45).

Portanto, essa iniciativa representa mais do que simplesmente um espaço físico para o ensino, é um símbolo da busca por uma educação escolar indígena diferenciada e comunitária, que valoriza e respeita a cultura e os valores tradicionais do seu povo.

Fotografia 1 - Povo indígena Karuazú.



Fonte: Amorim, 19 de abril de 1999.

A escola dentro da aldeia não apenas proporcionará acesso à educação formal, mas também será um centro de reafirmação da identidade e da luta desse povo. Neste local serão ensinados não apenas os conteúdos curriculares, mas também as tradições, histórias e saberes transmitidos ao longo das gerações.

2.2 Educação intercultural e cultura indígena

SILVA, Rafaela Lima da; SANTOS, SANTOS, Allan Gomes dos. **A luta do povo Karuazú por uma educação escolar intercultural e inclusiva.** *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.99-125.

A educação intercultural é uma área educacional que valoriza e incorpora a diversidade cultural dentro do processo de aprendizado. Ela reconhece e respeita as diferentes culturas, tradições e conhecimentos, buscando promover a igualdade de oportunidades e o respeito mútuo entre os grupos étnicos. Nesse contexto, a cultura indígena desempenha um papel fundamental, pois representa uma das muitas expressões culturais presentes em uma sociedade.

A cultura indígena abrange uma variedade de aspectos, incluindo tradições religiosas, práticas culturais, sistemas de conhecimento e formas de organização social. Ela é profundamente enraizada na relação dos povos indígenas com a terra, na sua história e na sua identidade coletiva. A valorização da cultura indígena na educação intercultural é essencial para promover a inclusão e o respeito à diversidade étnica e cultural. Dentro do contexto da educação intercultural, a cultura indígena é frequentemente incorporada ao currículo escolar por meio de conteúdos que destacam a história, os costumes, as crenças e as contribuições dos povos indígenas para a sociedade. Isso pode incluir o ensino da história dos povos indígenas, suas práticas sustentáveis e suas formas de conhecimento tradicional.

Além disso, a educação intercultural também visa promover a compreensão mútua entre os diferentes grupos étnicos, incluindo os povos indígenas e as comunidades não indígenas, através de atividades educacionais que incentivam o respeito, a empatia e a valorização das diferenças culturais. Esse tipo de ensino é um modelo educacional que reconhece e valoriza a diversidade cultural e busca promover a igualdade, o respeito e a compreensão mútua entre os diferentes grupos étnicos dentro de uma sociedade. A educação intercultural é um conceito fundamental para entender a luta dos Karuazú. O artigo 78 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) afirma que a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural e bilíngue para a “reafirmação de suas identidades étnicas, recuperação de suas memórias históricas, valorização de suas línguas e ciências, além de possibilitar o acesso às informações e conhecimentos valorizados pela sociedade nacional” (Brasil,1996).

No Alto Sertão de Alagoas, o povo Karuazú busca, incansavelmente, por um prédio escolar dentro da aldeia para implementar uma educação intercultural dentro de sua comunidade. Para eles, a educação intercultural vai além de simplesmente transmitir conhecimentos de conteúdos curriculares. Ela representa um resgate e uma valorização profunda de sua identidade cultural, de sua história e das lutas enfrentadas ao longo do tempo. A necessidade surge da compreensão de que os sistemas educacionais convencionais muitas vezes negligenciam ou até mesmo reprimem a diversidade cultural e a pluralidade de

conhecimentos e saberes presentes nas comunidades indígenas. Os Karuazú reconhecem que sua cultura e tradições têm um valor intrínseco que merece ser preservado e transmitido às gerações futuras.

Segundo Bonin (2010, p. 76), as escolas indígenas “transporta os índios para dentro das práticas pedagógicas, de currículos, de calendários, de datas comemorativas, de políticas de ações afirmativas empregando uma série de mecanismos usados para ordenar, conformar, estabelecer e definir a posição que deverão ocupar”. Nesse contexto, a educação intercultural surge como uma forma de incorporar as perspectivas e tradições indígenas nas escolas, esse modelo promove o empoderamento e afirmação, permitindo que as crianças e jovens da comunidade não apenas aprendam sobre sua própria cultura, mas também desenvolvam um senso de pertencimento e orgulho em relação às suas raízes. Além disso, promove a valorização do conhecimento tradicional, que muitas vezes, é subestimado em ambientes educacionais convencionais.

Conforme destacam Santos e Martins (2017, pp. 248-249), uma “educação intercultural visa desenvolver práticas pedagógicas que reconheçam, valorizem e respeitem outros grupos culturais, mas que também reafirmem suas identidades culturais”. Nessa perspectiva, a educação intercultural não se limita apenas ao ensino de conteúdos curriculares, mas busca proporcionar um ambiente inclusivo e respeitoso, onde as diversas identidades culturais sejam valorizadas e celebradas. Por meio de práticas pedagógicas que incentivam o diálogo, o entendimento mútuo e o respeito às diferenças, a educação intercultural promove uma cultura de paz e tolerância, ao mesmo tempo em que fortalece os laços de solidariedade e cooperação entre os diferentes grupos étnicos e culturais. Ao reconhecer e valorizar a riqueza da diversidade humana, essa educação desempenha um papel fundamental na construção de sociedades mais justas, inclusivas e democráticas.

Em última análise, a luta dos Karuazú por uma educação intercultural é uma luta por justiça, igualdade e reconhecimento. É um esforço para garantir que suas vozes sejam ouvidas e que suas contribuições para a sociedade sejam valorizadas. Ao defender uma educação que reflita suas próprias realidades e necessidades, os Karuazú estão não apenas buscando construir um futuro melhor para sua comunidade, mas também enriquecendo a diversidade cultural.

A educação inclusiva é um modelo educacional que visa garantir que os povos indígenas tenham acesso a uma educação de qualidade que respeite e valorize suas culturas e tradições. Ela reconhece a importância de preservar a identidade cultural dos povos indígenas e de

proporcionar oportunidades educacionais que sejam, culturalmente, relevantes e sensíveis às suas necessidades específicas. Uma das principais características da educação inclusiva para indígenas é a promoção do diálogo intercultural, que envolve o reconhecimento mútuo e o respeito pelas diferentes formas de conhecimento e sabedoria.

Existem vários aspectos importantes da educação inclusiva para indígenas. Primeiramente, é fundamental que os programas educacionais sejam desenvolvidos com a participação ativa das comunidades indígenas, levando em consideração suas necessidades, conhecimentos e valores. Isso envolve o respeito e a incorporação de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a sabedoria tradicional. Outro aspecto fundamental da educação inclusiva é o combate ao preconceito e à discriminação dentro do ambiente escolar.

A educação inclusiva é um pilar essencial para garantir uma educação equitativa e de qualidade para todos. Quando falamos do povo Karuazú, essa abordagem torna-se ainda mais crucial, pois visa assegurar que os alunos indígenas que estudam na rede municipal de ensino, em escolas não indígenas, tenham acesso à sua própria cultura e a aulas diferenciadas que respeitem e valorizem sua identidade.

Para os alunos Karuazú, a educação inclusiva deve proporcionar um ambiente onde sua cultura seja reconhecida e integrada no currículo escolar. Isso significa incorporar elementos culturais específicos, como as tradições, histórias e conhecimentos tradicionais do povo dentro do ambiente educacional. Ao fazer isso, não só se promove a valorização da identidade cultural dos alunos, mas também se enriquece o aprendizado de todos os estudantes, fomentando um maior respeito e entendimento pela diversidade.

A Carta de 1988 estabeleceu os princípios de uma educação pautada nas relações étnico-raciais que privilegia a cultura local específica de cada etnia na construção dos currículos escolares, permitindo conhecer e valorizar a diversidade cultural dos povos existentes no país. Neste contexto, se insere a educação escolar indígena diferenciada (Silva, 2017, p. 52).

A criação de aulas diferenciadas para os alunos Karuazú é um passo essencial. Essas aulas devem ser planejadas para atender às necessidades culturais e educativas específicas dos alunos, permitindo que eles aprendam conteúdos curriculares ao mesmo tempo em que se conectam com sua herança cultural. Isso pode incluir a participação de membros da comunidade Karuazú nas atividades escolares, a celebração de festas tradicionais e a utilização de materiais didáticos que reflitam a realidade e os valores desse povo, garantindo que os alunos Karuazú tenham um ambiente acolhedor e inclusivo, onde se sintam respeitados e valorizados. A

presença de elementos culturais nas escolas pode contribuir significativamente para o bem-estar emocional e social dos alunos, ajudando-os a desenvolver uma autoestima saudável e um senso de pertencimento.

Para que a educação intercultural seja implementada a formação de professores precisa contemplar temáticas indígenas de forma sensível e respeitosa com alunos indígenas que não possuem escolas dentro de suas aldeias e em escolas da rede pública sejam elas estaduais ou municipais de ensino, além de promover a conscientização sobre a importância da diversidade cultural. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais - Pluralidade Cultural e Orientação Sexual (1997, p. 49), “a valorização dos povos indígenas faz-se tanto pela via da inclusão nos currículos de conteúdos que informem sobre a riqueza de suas culturas e a influência delas sobre a sociedade como um todo, enquanto pela consolidação das escolas indígenas que destacam, nos termos da Constituição, a pedagogia que lhes é própria”.

Com isso, pode-se observar que a valorização dos povos indígenas é um compromisso essencial para promover a diversidade cultural e construir uma sociedade mais justa e inclusiva. A Consolidação das escolas indígenas também é essencial para a valorização dos povos, já que as escolas são projetadas para atender às necessidades educacionais específicas das comunidades indígenas, reconhecendo e valorizando suas culturas e formas de conhecimento. Ao adotar uma "pedagogia que lhes é própria", essas escolas promovem uma educação que é culturalmente contextualizada às realidades locais, respeitando os valores, saberes e as práticas tradicionais.

A educação inclusiva para indígenas também envolve a criação de políticas públicas que garantam o acesso equitativo à educação, bem como a implementação de medidas para superar as barreiras socioeconômicas que, muitas vezes, impedem os indígenas de frequentar a escola. É um processo contínuo de reconhecimento, respeito e valorização, garantindo que eles tenham acesso a uma educação de qualidade que promova o seu desenvolvimento integral.

As escolas indígenas desempenham um papel fundamental na promoção da educação inclusiva para os povos indígenas. De acordo com Silva Júnior (2004), a educação inclusiva deve ser ampliada para abranger a educação diferenciada nas comunidades indígenas, garantindo que esses povos tenham acesso a um ensino de qualidade que respeite e valorize suas especificidades culturais. Além disso, Silva (2021, p. 78) coloca que

As escolas indígenas desempenham um papel fundamental na promoção da educação inclusiva, pois permitem que os povos

originários tenham acesso ao conhecimento sem perder sua identidade cultural, valorizando seus saberes e línguas tradicionais.

Portanto, essas escolas são projetadas para atender às necessidades específicas das comunidades indígenas, oferecendo um ambiente educacional que valoriza e respeita a cultura e tradições locais. As escolas indígenas são geralmente administradas pelas próprias comunidades indígenas ou em parceria com órgãos governamentais e organizações não governamentais. Elas buscam incorporar os ensinamentos tradicionais e a cosmovisão indígena no currículo educacional, proporcionando uma educação que seja culturalmente relevante e sensível às realidades locais.

As escolas indígenas também podem oferecer serviços de apoio cultural e psicossocial para os alunos, ajudando a fortalecer sua autoestima e identidade cultural e a lidar com os desafios enfrentados pelas comunidades indígenas, como a discriminação e o preconceito, desenvolvendo um papel importante na promoção da educação inclusiva, oferecendo um ambiente educacional que respeita e valoriza sua cultura e identidade, e proporcionando oportunidades educacionais de qualidade que estejam alinhadas com suas necessidades e aspirações.

2.3 Onde estudam as crianças e jovens da aldeia Karuazú

A realidade educacional da aldeia Karuazú destaca os desafios enfrentados pelas comunidades indígenas no acesso à educação. Devido à falta de uma escola indígena dentro da aldeia, as crianças e jovens frequentam a rede pública de ensino municipal. Durante o ensino fundamental, sua jornada educacional se inicia na Escola Municipal de Educação Básica Sabino Romariz, situada em Campinhos, Pariconha, mesmo povoado que está localizada a aldeia.

Essa primeira etapa do ensino, embora ocorra em uma instituição fora da aldeia, é crucial para a aprendizagem e o desenvolvimento social dos estudantes indígenas. Porém, como no currículo educacional das escolas que recebem os alunos indígenas Karuazú não há elementos voltados, especificamente, aos povos indígenas. Seria interessante adotar metodologias de ensino que respeitem as formas tradicionais de aprendizagem desses povos. Isso inclui a valorização do aprendizado coletivo, a conexão com a natureza e a prática de atividades que envolvam conhecimentos tradicionais, como a agricultura, o artesanato e a medicina natural para que a educação se torne mais relevante e conectada à vida dos alunos. Como ressaltado por Bergamasco e Gomes (2012) afirmam que:



Muitas vezes essa imagem de índio que é construída na infância permanece para o resto da vida, pois são escassos os contatos com a temática indígena no restante do período de escolarização e na vida adulta, tendo várias mídias a veicular imagens não condizentes com os modos de vida contemporâneos dos povos ameríndios. Essa visão reformada dos indígenas se perpetua justamente pelo fato da nossa história ser contada até hoje a partir da visão do colonizador, sem dar oportunidade para que os diferentes povos apresentem a sua visão em relação a si mesmo e a história do nosso país. (Bergamaschi e Gomes, 2012, p. 57-58).

É importante que as instituições ao receberem esses alunos se preocupem em integrar materiais que retratem a cultura indígena e incluam uma formação continuada dos professores, essa formação deve contemplar práticas culturais específicas, garantindo que os educadores estejam preparados para ensinar de maneira sensível e inclusiva. Essa abordagem é especialmente relevante considerando que 86% dos alunos que estudam na escola municipal situada na comunidade Campinhos são indígenas Karuazú, essa informação foi obtida por Carla Alves, indígena Karuazú a partir de uma pesquisa realizada no âmbito de um projeto criado em 2012. O levantamento foi feito na Escola Municipal de Educação Básica de Pariconha, com o propósito de reunir dados que pudessem justificar e apoiar a criação de uma escola indígena dentro da aldeia Karuazú. Embora Carla tenha sido responsável pela coleta e análise dos dados, os resultados desse levantamento não foram publicados, oficialmente. No entanto, essas informações foram fundamentais para a formulação e avanço do projeto que está resultando na construção da escola indígena, que atualmente já está em andamento na aldeia.

Ao progredirem para o Ensino Médio, os jovens da aldeia Karuazú continuam sua jornada educacional na Escola Estadual de Educação Básica de Pariconha, localizada na cidade homônima. Com isso, observa-se que há uma necessidade de deslocamento para acessar a educação formal, expondo a falta de infraestrutura educacional dentro das comunidades indígenas e destaca a importância de políticas educacionais inclusivas e sensíveis à diversidade cultural.

Neste contexto, o Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009, diz que a educação escolar indígena deve ser organizada com a participação dos povos indígenas respeitando suas necessidades e especificidades. Além disso, a Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012, do Conselho Nacional de Educação, estabelece que a edificação das escolas deve possuir características e padrões construtivos acordados com as comunidades usuárias, refletindo suas identidades culturais e formas tradicionais de aprendizagem.



2.4 A construção da escola na aldeia Karuazú

A construção de uma escola dentro de uma aldeia é um processo que envolve a criação de um espaço educativo projetado para atender às necessidades específicas da comunidade local. Esse projeto vai além da edificação física, incorporando a colaboração ativa da comunidade na sua concepção, planejamento e execução. O objetivo principal é fornecer um ambiente de aprendizado que respeite e valorize a cultura e os saberes tradicionais da aldeia. A escola serve como um centro de desenvolvimento educacional, cultural e social, onde a educação formal é harmoniosamente integrada com o conhecimento e as práticas ancestrais da comunidade. Além de promover a educação, a construção da escola fortalece a identidade comunitária, facilita o acesso à educação de qualidade e contribui para o desenvolvimento sustentável da aldeia.

Com isso, a construção da escola na aldeia Karuazú é um marco de profunda importância, não apenas pelo impacto direto na educação das crianças, mas também como um símbolo da resistência e da força de uma comunidade que nunca desistiu de lutar pelos seus direitos. A história dessa construção começou há mais de uma década, em 2012, quando as lideranças da aldeia, junto com a comunidade, se uniram em um projeto ambicioso e cheio de esperança. Eles sonhavam com um espaço onde a cultura e os saberes pudessem ser preservados e transmitidos às novas gerações.

A cada reunião, a cada viagem para buscar apoio e a cada momento de planejamento, a comunidade Karuazú mostrou um compromisso inabalável com o olhar para o futuro de suas crianças. Eles sabem que a escola não é apenas um prédio, mas um lugar onde a identidade cultural será valorizada, onde os jovens irão aprender não só conteúdo do currículo regular, mas também as tradições culturais, história e os valores de seus antepassados.

Este projeto foi uma declaração de amor às suas raízes e um investimento no futuro. O prédio escolar representa mais do que tijolos e cimento, é o resultado de anos de luta, de sonhos compartilhados e de uma dedicação coletiva. É um espaço que fortalecerá a comunidade, permitindo que as crianças cresçam com orgulho de sua herança e com as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios do mundo moderno. A escola será um ponto de encontro, onde o conhecimento e o ensino contemporâneo caminharão lado a lado, proporcionando uma educação rica e significativa.

Além disso, o povo Karuazú vê a escola com um símbolo que irá valorizar e preservar a cultura do seu povo, incluindo os rituais religiosos. Entre esses rituais estão o flechamento do

umbu, a puxada do cipó e a corrida do umbu, que reafirmam sua identidade e conexão com a natureza. Portanto, “é imprescindível prestar atenção prioritária aos conteúdos culturais, assim como, naturalmente, às estratégias de ensino e aprendizagem” (Santomé, 1995, p. 160).

Ao valorizar e respeitar as crenças e práticas religiosas dos povos indígenas, essa abordagem pedagógica promove uma educação enraizada na cultura local e nas relações de reciprocidade com o ambiente natural. Dessa forma, contribui para o fortalecimento das comunidades indígenas, a preservação da biodiversidade e a valorização dos conhecimentos tradicionais. Ao incorporar esses elementos na educação, os povos indígenas não apenas mantêm vivas suas tradições ancestrais, mas também reafirmam sua identidade cultural e promovem uma convivência sustentável e harmoniosa com o meio ambiente.

Compreender os processos da educação intercultural significa adentrar na essência das estratégias e ações destinadas a incentivar o reconhecimento e a valorização da diversidade. Nesse contexto, a construção de espaços escolares que respeitem os saberes e as formas tradicionais de organização indígena se torna essencial para assegurar um ensino verdadeiramente inclusivo e representativo.

A seguir, as Fotografias 2 e 3 ilustram a atual fase de construção de nossa escola, evidenciando não apenas o progresso da infraestrutura, mas também o compromisso com a valorização da cultura, dos costumes e da identidade do povo Karuazú. Esse espaço será mais do que um local de ensino; será um ambiente de fortalecimento comunitário e de transmissão dos conhecimentos ancestrais para as futuras gerações.

Fotografias 2 e 3 - Processo da construção do prédio escolar da aldeia Karuazú



Fonte: Acervo da autora, 2024.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa visa analisar os principais desafios enfrentados pelo povo Karuazú em relação à educação escolar devido a inexistência de escola na comunidade dificultando a compreensão da história e identidade no contexto da educação intercultural indígena. Entretanto, como mencionado acima, a escola da comunidade está atualmente em processo de construção e esta pesquisa busca entender as percepções e expectativas dos membros da comunidade durante esse período. Para alcançar os objetivos propostos, será adotada uma abordagem qualitativa, que permite uma compreensão profunda e contextualizada das percepções e experiências dos participantes.

Além disso, o fato de ser uma pesquisa participante deu-se devido a autora fazer parte da comunidade investigada como uma indígena Karuazu. Sobre a participação na prática científica, Brandão (1999) traz que

A relação de participação da prática científica no trabalho político das classes populares desafia o pesquisador a ver e compreender tais classes, seus sujeitos e seus mundos, tanto através de suas pessoas nominadas, quanto a partir de um trabalho social e político de classe que constituindo a razão da prática constitui igualmente a razão da pesquisa (Brandão, 1999, p. 13).

A pesquisa foi conduzida por meio de um questionário semiestruturado, que permitiu explorar de forma flexível e detalhada as respostas dos participantes. As entrevistas foram feitas com 1 liderança da comunidade Karuazú, sendo: 2 anciãos, 2 pais ou responsáveis, 2 professores e 3 adolescentes (Gráfico 1). Apesar das diferentes categorias dos participantes, todos responderam às mesmas perguntas, adaptadas para atender às suas perspectivas individuais. As perguntas abordaram percepções sobre a importância da construção da escola, expectativas em relação aos benefícios da escola e experiências em escolas não indígenas.

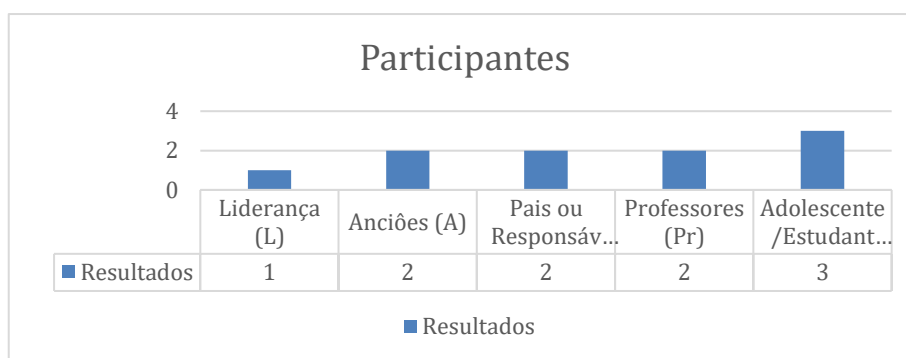


Gráfico 1 – Participantes da pesquisa
Fonte: Elaborado pela autora.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial dentro da própria aldeia. Foram gravadas com o consentimento dos participantes para posterior transcrição e análise. O roteiro

do questionário incluiu perguntas abertas e flexíveis, aplicáveis a todos os participantes, para garantir uma coleta rica e abrangente de dados. Todos os participantes forneceram consentimento e tiveram garantida a confidencialidade de suas respostas.

A investigação buscou entender as percepções gerais sobre a construção da escola na aldeia, explorar como a nova escola pode impactar na preservação e promoção da cultura indígena e, ainda, identificar expectativas e desafios comuns enfrentados ao estudar fora da aldeia ou em outro contexto não indígena. Também foi analisada a influência da nova escola na coesão comunitária e no fortalecimento da identidade cultural.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa foi realizada na comunidade do Povo Karuazú, com o objetivo de analisar os principais desafios enfrentados pelo povo Karuazú em relação à educação escolar devido a inexistência de escola na comunidade dificultando a compreensão da história e identidade no contexto da educação intercultural indígena. Ainda, a pesquisa revelou percepções significativas sobre a construção da escola na comunidade Karuazú e suas implicações para a educação e cultura local.

Assim, a pesquisa intitulada “A luta do povo Karuazú por uma educação escolar intercultural”, faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Licenciatura em Pedagogia com ênfase em Educação Intercultural Indígena (CLIND) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e teve nos entrevistados, que incluíam liderança, anciãos, pais, professores e adolescentes, destaque da importância da escola para a preservação da identidade cultural e fortalecimento da comunidade.

Além disso, a maioria dos participantes expressaram entusiasmo em relação à escola, reconhecendo-a como uma oportunidade para resgatar e valorizar as tradições e saberes indígenas que, muitas vezes, são negligenciados em escolas fora da aldeia. Um dos anciãos afirmou que a nova escola será essencial para garantir que a história e os conhecimentos do povo Karuazú não se percam, reforçando o papel da educação na transmissão intergeracional desses saberes.

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário semiestruturado composto por perguntas abertas e fechadas. O questionário abordou aspectos demográficos e investigativos, explorando o impacto da escola na preservação cultural, a eficácia da educação cultural, as dificuldades enfrentadas pelas crianças que estudam fora da aldeia, os benefícios de uma escola

dentro da comunidade, as transformações geradas pela construção da nova instituição e as expectativas da população em relação a esse espaço educativo.

A pesquisa foi realizada por meio do instrumento de pesquisa questionário, no qual os participantes responderam às perguntas nele formuladas. A amostra foi distribuída de maneira equilibrada, contemplando 10 membros da comunidade, dos quais 6 eram do sexo masculino e 4 do sexo feminino, com idades entre 16 e 60 anos. A maioria dos entrevistados (6 participantes) estava na faixa etária de 16 a 40 anos, enquanto os demais se distribuíram entre as faixas de 41 a 60 anos e acima de 60 anos.

Os participantes foram abordados presencialmente e responderam de forma anônima, o que possibilitou um ambiente de maior confiança para a expressão sincera de suas opiniões.

A seguir, o gráfico ilustra a distribuição dos participantes por faixa etária e sexo, proporcionando uma visão clara da composição do grupo entrevistado.

P1 e P2 - Faixa etária e sexo?

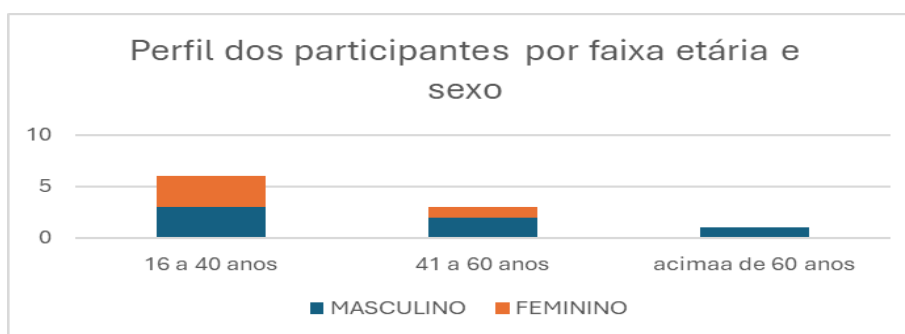


Gráfico 2: Sexo e idade dos participantes da pesquisa
Fonte: Elaborado pela autora.

Antes de iniciar a análise dos resultados e, posterior discussão, definiu-se para representar o desenvolvimento deste tópico do trabalho a letra “P” para pergunta do questionário semiestruturado e para os referidos participantes da pesquisa, designou-se como: “L” para liderança da comunidade, “A1 e A2” para os 02 (dois) anciãos, “P1 e P2” para os 02 (dois) pais ou responsáveis, “Pr1 e Pr2” para os 02 (dois) professores e “A11, A12 e A13” para os 03 (três) adolescentes/estudante da comunidade.

Dando continuidade, serão apresentadas as outras perguntas realizadas durante a pesquisa, juntamente com suas respectivas respostas. Para facilitar a compreensão dos dados, algumas das respostas serão acompanhadas de gráficos que ilustram os principais resultados obtidos.

Na P4 a maioria dos participantes (9 de 10) acredita que a educação cultural das crianças é mais eficaz quando realizada através das atividades culturais dentro da própria comunidade.

Apenas um dos entrevistados apontou a escola como o local mais eficaz para essa educação. Esses resultados indicam uma valorização das práticas tradicionais e das atividades culturais, que são vistas como fundamentais para a preservação da identidade indígena e cultural da comunidade.

Quando questionados na P5 sobre a principal vantagem de ter uma escola dentro da aldeia, também, a maioria, 9 dos 10 participantes, afirmou que a maior vantagem seria a preservação da cultura. Esse dado reforça a importância que a comunidade atribui à educação como um meio de manter suas tradições e costumes vivos. Apenas um participante respondeu que a escola possibilitaria um melhor acesso à educação. Este resultado fortalece as respostas de P4 e a essência do povo Karuazú. Ainda, este ponto pode indicar que, embora a preservação cultural seja vista como o principal benefício, o acesso facilitado à educação também é um fator relevante para algumas pessoas.

A P6 tratou sobre qual elemento cultural deve ser prioritário no currículo escolar e, portanto, todos os participantes da pesquisa responderam que as tradições e rituais devem ser o principal elemento cultural no currículo escolar, reforçando P4 e P5. Isso reflete o desejo da comunidade de que a escola promova e ensine esses aspectos culturais, garantindo que as novas gerações se mantenham conectadas com sua herança cultural.

P7 - Como você avalia o impacto da construção da escola na aldeia?

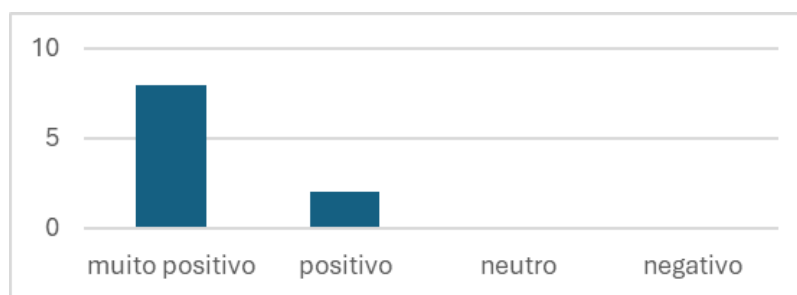


Gráfico 3: Impacto construção.
Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre o impacto da construção da escola na comunidade 80% dos entrevistados avaliaram como muito positivo e 20% como positivo. Isso demonstra que a comunidade vê de forma amplamente favorável a construção da escola, acreditando que ela terá um efeito benéfico tanto para a preservação cultural quanto para o desenvolvimento social da aldeia.

A oitava questão (P8) tratou das principais expectativas em relação à nova escola e os resultados foram diversificados e dividiram-se entre melhorar a qualidade da educação (5 participantes), preservar a cultura local (4 participantes) e fortalecer a identidade comunitária

(1 participante). Esses dados mostram que, além da preservação cultural, há uma expectativa concreta de que a escola ofereça um ensino de qualidade, alinhado às necessidades da comunidade, sem abrir mão da valorização da identidade Karuazú, como mostra a figura 4.

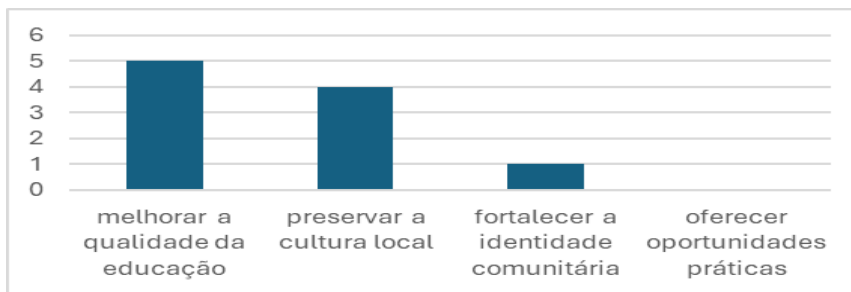


Gráfico 4: Expectativa da escola.
Fonte: Elaborado pela autora.

A P9 foi sobre o papel das atividades culturais na educação das crianças. Sobre isso, a maioria dos entrevistados (80%) considerou o papel das atividades culturais na educação das crianças como muito importante, enquanto 2 classificaram como importante. Esses resultados reforçam a visão de que a educação formal e a cultura tradicional precisam caminhar juntas, sendo que as atividades culturais são vistas como uma parte essencial da formação das crianças.

Na questão P10 que mencionava qual a maior dificuldade enfrentada pelos estudantes da comunidade ao estudar fora da aldeia, 9 participantes indicaram a falta de representação das tradições e rituais na educação formal como o principal problema. Apenas um participante mencionou as diferenças culturais como a maior dificuldade. Isso sugere que a ausência de elementos culturais indígenas nas escolas fora da aldeia causa um grande impacto na experiência escolar das crianças Karuazú, o que pode gerar desconforto e até alienação cultural.



Gráfico 5: Dificuldades enfrentadas.
Fonte: Elaborado pela autora.

Na P11 que tratava sobre o impacto das escolas não indígenas na identidade cultural das crianças, novamente, 9 dos entrevistados consideraram esse impacto negativo, enquanto 1 pessoa apontou um impacto neutro. Esses dados refletem uma visão crítica das escolas não indígenas,

que são vistas como desrespeitosas ou indiferentes às tradições e identidade cultural dos alunos indígenas.

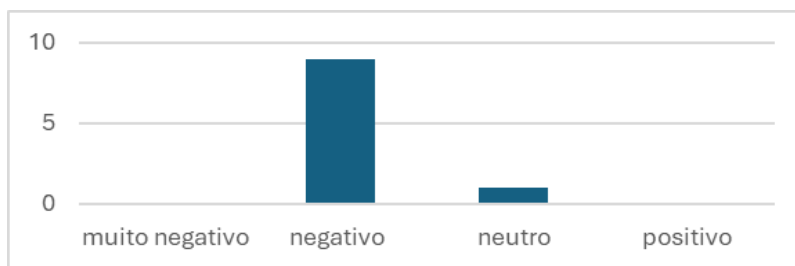


Gráfico 6: Impactos das escolas não indígenas.
Fonte: Elaborado pela autora.

A P12 que buscou ver qual é a maior expectativa em relação à educação que será oferecida pela nova escola, 7 participantes responderam que esperam respeito pelas tradições culturais, 2 mencionaram educação de qualidade e 1 apontou preparação para o futuro. Isso reflete o desejo da comunidade de que a escola respeite e promova a cultura Karuazú, ao mesmo tempo em que ofereça um ensino que prepare os alunos para enfrentar os desafios futuros.

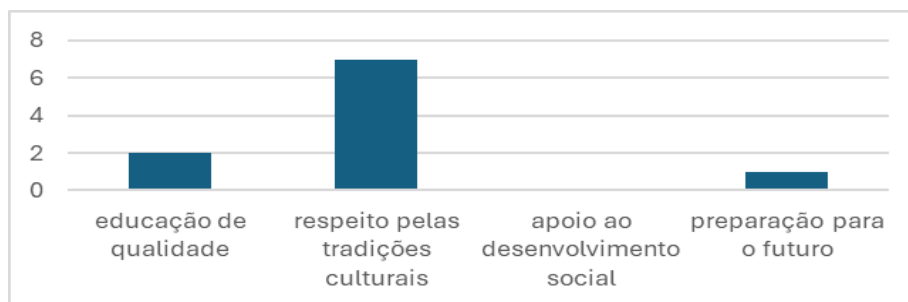


Gráfico 7: Expectativa com nova escola.
Fonte: Elaborado pela autora.

A pesquisa também incluiu uma pergunta aberta, com o objetivo de explorar as percepções da comunidade sobre a importância da escola para as futuras gerações da aldeia. As respostas coletadas refletem de forma profunda e genuína os sentimentos e expectativas dos participantes em relação ao impacto da nova escola na preservação cultural e no desenvolvimento das crianças.

P1 destacou que a escola é "de grande importância pelo fato de estar estudando em sua própria comunidade, de buscar conhecimentos e reivindicações de suas tradições e cultura e sem ter que se preocupar com as diferentes culturas". Da mesma forma, Pr1 considera a escola "algo fundamental tanto para a valorização e preservação da cultura como um fortalecimento identitário". Para A11, a escola permitirá "manter a nossa cultura e preservar nosso povo".

A preservação cultural foi um ponto amplamente mencionado nas respostas. Pr2 reforçou que a escola será "essencial para a preservação cultural e o desenvolvimento de habilidades necessárias para o futuro", enquanto A12 acrescentou que será "muito importante para o fortalecimento da identidade das crianças, fazendo com que aprendam de acordo com sua realidade cultural, se identifiquem e evitem a frustração do deslocamento". A13 reforçou essa ideia, dizendo que a escola promoverá a "preservação da cultura e fortalecimento da identidade". P2 também destacou a importância da escola para o "fortalecimento da identidade como sujeito étnico, cultural e social". Já A1 comentou que "o índio tem mais chance de pegar e aprende as coisas na escola com os outros índios, então a escola é tudo", evidenciando o valor da troca de conhecimentos dentro do próprio contexto cultural. A2 compartilhou a visão de que "as crianças irão receber uma educação voltada as suas raízes", o que contribuirá para a preservação dessas tradições.

Por fim, L1 reforçou a relevância da escola ao afirmar que "a escola é tudo para nossa comunidade e principalmente para as futuras gerações". Ele, ainda, destacou a importância de as crianças estudarem sua própria cultura, ao invés de estarem em escolas que não passam a devida importância à cultura indígena, concluindo que "com a escola na aldeia irá facilitar o entendimento de todos, pois a escola irá reforçar o que somos e as nossas tradições".

Os resultados desta pesquisa deixam claro que a comunidade Karuazú valoriza profundamente sua cultura e identidade e vê a educação como uma ferramenta essencial para preservá-las. A construção da nova escola dentro da aldeia é vista com otimismo, sendo percebida como uma oportunidade para melhorar a qualidade da educação, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade cultural das novas gerações.

A maior preocupação expressa pelos participantes diz respeito à ausência de representação das tradições e rituais nas escolas não indígenas, o que reforça a importância de uma educação intercultural que contemple a realidade e as especificidades culturais dos povos indígenas. O fortalecimento da identidade, a preservação cultural e a integração das tradições nos currículos escolares são expectativas centrais da comunidade para o futuro.

Assim, conclui-se que a educação escolar, se alinhada com os valores e tradições da comunidade, pode não só melhorar o acesso ao conhecimento formal, mas também garantir a continuidade e fortalecimento das culturas indígenas, promovendo o bem-estar e o desenvolvimento integral dos alunos Karuazú.

Ficou evidenciado neste trabalho, seja nos depoimentos dos entrevistados e na observação direta de suas reações ao preencherem o instrumento de pesquisa, que as expectativas em torno da construção são elevadas, especialmente, no que se refere aos benefícios educacionais para os jovens. Adolescentes e pais demonstraram esperança de que a nova escola ofereça uma educação mais conectada com a realidade da comunidade, algo que sente falta nas escolas não indígenas. Um dos adolescentes destacou que os conteúdos ensinados fora da aldeia muitas vezes não dialogam com suas vivências, enquanto espera que a nova escola aborde questões que sejam mais significativas para eles.

A dificuldade de adaptação ao ensino oferecido fora da aldeia, somada à falta de representatividade cultural nesses espaços, foi uma questão recorrente entre os pais e adolescentes. A principal preocupação era a desconexão entre o conteúdo ensinado e a realidade da comunidade Karuazú. Um dos pais mencionou que seu filho não conseguia ver sentido em muitos dos conhecimentos transmitidos nas escolas não indígenas, reforçando a expectativa de que a nova escola possa suprir essa lacuna.

A infraestrutura da escola e a capacitação dos professores para lidar com a educação intercultural foram apontadas como pontos de atenção. Alguns entrevistados, especialmente os professores, enfatizaram a necessidade de que os educadores sejam devidamente preparados para ensinar em um contexto que exige a valorização tanto dos saberes acadêmicos quanto dos saberes culturais indígenas. Além disso, houve um desejo por maior participação da comunidade no processo de construção do currículo escolar, garantindo que este reflita as necessidades e valores da aldeia.

Todas estas colocações respondem as perguntas iniciais que: de que forma a comunidade Karuazú avalia o acesso à educação como um elemento importante na preservação da identidade cultural e fortalecimento da comunidade? Como são as percepções e expectativas dos membros da comunidade Karuazú em relação à educação escolar e à construção da escola na aldeia, visando garantir uma abordagem participativa e inclusiva no processo de desenvolvimento educacional?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da escola na comunidade é vista como uma oportunidade de fortalecer a coesão da comunidade. Acredita-se que ela ajudará a unir os membros da aldeia, ao proporcionar um espaço de aprendizado que promova o sentimento de pertencimento e

identidade coletiva. A expectativa é que, ao oferecer uma educação dentro da aldeia, a escola contribua para a preservação das tradições culturais e prepare os jovens para enfrentar os desafios do mundo moderno, sem que haja uma ruptura com suas raízes.

Em síntese, a construção da escola na comunidade Karuazú é amplamente vista como um marco importante para o futuro da aldeia. Há uma percepção geral de que a nova escola trará impactos positivos, tanto na educação formal quanto na preservação e fortalecimento da identidade cultural, proporcionando à comunidade um espaço de aprendizado alinhado com suas tradições e valores.

Por meio deste estudo, a pesquisa reafirma sua relevância ao investigar um contexto diretamente relacionado à realidade da comunidade indígena Karuazú, evidenciando as percepções de diferentes segmentos da população sobre os benefícios da escola para as futuras gerações. A importância da preservação cultural, o fortalecimento da identidade e o desejo de proporcionar uma educação que dialogue com a realidade local foram temas recorrentes nas respostas. As dificuldades enfrentadas pelos estudantes em escolas não indígenas, como a desconexão cultural e a frustração com a falta de reconhecimento de sua identidade, reforçam a necessidade de uma escola na aldeia que alinhe o ensino formal com os saberes tradicionais.

Por tudo dito, este trabalho investigativo confirma a importância de criar espaços educacionais que dialoguem com as especificidades culturais da comunidade, superando as barreiras impostas pelas escolas fora da aldeia, comprovando a ideia de que uma educação intercultural é fundamental para garantir a inclusão e o desenvolvimento pleno dos jovens indígenas. Por fim, o estudo abre possibilidades para pesquisas futuras, que podem aprofundar a compreensão dos impactos de uma escola indígena nas comunidades e ampliar as perspectivas sobre educação em contextos similares.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Silóe Soares de. Crônicas etnográficas dos rituais de promessas Koiupanká, Karuazu, Katokinn e Kalankó. In: **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, jan./jun. 2012.

AMORIN, Silóe Soares de. **Os Kalankó, Karuazu, Koiupanká e Katokinn: resistência e ressurgência indígenas no sertão Alagoano**. Porto Alegre, 2010.

<http://hdl.handle.net/10183/25528>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Rafaela Lima da; SANTOS, SANTOS, Allan Gomes dos. **A luta do povo Karuazú por uma educação escolar intercultural e inclusiva**. *Palmeira dos Índios*, v. 4, n. 1, p.99-125.

BRASIL, CONGRESSO NACIONAL. "**LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**". 20 de dezembro de 1996.
<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11684035/artigo-78-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009. **Dispõe sobre a organização da educação escolar indígena e define suas diretrizes**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 maio 2009. Disponível em:
<https://legis.senado.leg.br/norma/575567/publicacao/15749691>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. Resolução nº 5, de 22 de junho de 2012. **Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 jun. 2012. Disponível em:
https://bookdown.org/antropologiaamadora/legislacao_indigena/intro.html. Acesso em: 10 mar. 2025.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; GOMES, Luana Barth. ensaios de educação intercultural. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 53-69, 2012.

BONIN, Iara Tatiana. **Povos indígenas na rede das temáticas escolares: o que isso nos ensina sobre identidades, diferenças e diversidade?** Currículo sem Fronteiras. Volume 10, n. 1, pp.133-146, jan/jun 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa** dicionário. 7ª ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Educação em terras indígenas: o que diz o Censo Escolar. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/educacao-em-terras-indigenas-o-que-diz-o-censo-escolar>. Acesso em: 09 mar. 2025.

LANDA, Mariano Braes; FERRAZ, Alexandre (Orgs.). **Educação, Dignidade e Interculturalidade: Um Debate Epistemológico e Político**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.

LIMA, Débora Alves. **Os gêneros literários karuazu**. 2019. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) - Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.

LOPES, Aline. **Políticas públicas e educação escolar indígena no Brasil**. Curitiba: Appris, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **Educação indígena: repensando o lugar do saber tradicional**. São Paulo: Global, 2012.

SILVA, Rafaela Lima da; SANTOS, SANTOS, Allan Gomes dos. **A luta do povo Karuazú por uma educação escolar intercultural e inclusiva**. Palmeira dos Índios, v. 4, n. 1, p.99-125.



SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 159-177.

SILVA, Carla Alves dos Santos. **Um desafio Jeripancó**: Ensino de história na escola estadual indígena José Carapina, sertão de Alagoas (2006-2016). História (Monografia de graduação). Delmiro Gouveia, UFAL, 2017.

SILVA, Maria Fernanda. **Educação escolar indígena e inclusão social: desafios e perspectivas**. Curitiba: Appris, 2021.

SILVA JÚNIOR, Gerson Alves da. **Educação inclusiva e diferenciada indígena**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 24, n. 3, p. 40-47, 2004.

SILVA, Rafaela Lima da; SANTOS, SANTOS, Allan Gomes dos. **A luta do povo Karuazú por uma educação escolar intercultural e inclusiva**. Palmeira dos Índios, v. 4, n. 1, p.99-125.